

## Percepção e avaliação de orações relativas: um estudo piloto

### Perception and evaluation of relative clauses: a pilot study

André Poltronieri Santos<sup>1</sup>  
Lilian Coutinho Yacovenco<sup>2</sup>

**Resumo:** Com o presente estudo, investigamos como falantes/leitores brasileiros percebem e avaliam diferentes estratégias de relativização na escrita. Partimos da compreensão de que a avaliação é um dos problemas que envolvem a teoria da variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e de alguns estudos de percepção, avaliação, crenças e atitudes sobre fenômenos variáveis no português brasileiro (FREITAG, 2016; OUSHIRO, 2015a). Elaboramos um questionário com cinco frases, das quais três continham diferentes estratégias de relativização. As avaliações indicam que a relativa com *cujo* é mais conscientemente percebida pelos respondentes: foi a que recebeu o maior número de avaliações como *bonita* e associada a pessoas mais escolarizadas, por outro lado, recebeu menos avaliações relacionadas à simpatia. As avaliações das relativas copiadora e cortadora foram mais neutras e indicaram que essas variantes já estão incorporadas ao vernáculo brasileiro, a primeira, inclusive, à escrita. Por ora, concluímos que a variante cortadora e a copiadora não apresentam saliência suficiente para serem percebidas, sendo avaliadas, em geral, de forma neutra. A variante com *cujo* pareceu ser mais saliente, pois depende da escola para ser aprendida e é considerada bonita, associada a contextos mais formais e a pessoas mais escolarizadas.

**Palavras-chave:** percepção; avaliação; estratégias de relativização; estudo piloto.

**Abstract:** With the present study, we investigated how Brazilian speakers/readers perceive and evaluate different relativization strategies in writing. We start from the understanding that evaluation is one of the problems involving the theory of linguistic variation and change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) and from some studies on perception, evaluation, beliefs and attitudes about variable phenomena in Brazilian Portuguese (FREITAG, 2016; OUSHIRO, 2015a). We developed a questionnaire with five sentences, three of which contained different relativization strategies. The evaluations indicate that the relative with *cujo* (whose) is more consciously perceived by respondents: it received the highest number of evaluations as *beautiful* and associated with more educated people, however, on the other hand, it received less evaluations associating it to likeable people. The evaluations of the resumptive pronoun and PP-chopping variants were more neutral and indicate that these variants are already incorporated into Brazilian Portuguese vernacular, the former, including, to written language. We concluded that PP-chopping and resumptive pronoun variants are not salient enough to be perceived, being evaluated, in general, neutrally. The variant with *cujo* seemed to

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [a-polt@hotmail.com](mailto:a-polt@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [lilianyacovenco@yahoo.com.br](mailto:lilianyacovenco@yahoo.com.br).

be more salient, as it depends on schooling to be learned and is considered beautiful, associated with more formal contexts and to educated people.

**Keywords:** perception; evaluation; relativization strategies; pilot study.

## Apresentação

As pesquisas sobre fenômenos variáveis no português brasileiro (doravante, PB) têm sido predominantemente voltadas ao estudo da produção linguística. Desde o início da sociolinguística variacionista no Brasil, há grande interesse na documentação das variedades aqui faladas, resultando na consolidação de diversos projetos de pesquisa, como o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL (PAIVA, SCHERRE, 1999), Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil – VARSUL (BISOL, 2005), Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001) e Projeto Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix (YACOVENCO *et al.*, 2012), para citar apenas alguns.

Apesar da ampla descrição do PB, ainda não há, no Brasil, um programa bem definido de estudos sobre percepção e avaliação linguística (FREITAG, 2016). Sendo a avaliação uma questão importante para a mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), é proposto, no presente artigo, um estudo sobre a percepção e a avaliação das estratégias de relativização.

Do ponto de vista da tradição gramatical, a oração relativa é denominada *oração subordinada adjetiva*. É um tipo de oração ligada a um antecedente por meio de um conectivo (um pronome relativo), que tem como função restringir ou fornecer uma explicação sobre esse antecedente. Em funções sintáticas preposicionadas<sup>3</sup>, exercidas pelo pronome relativo, pode haver até três possibilidades de relativização, conforme tipologia proposta por Tarallo (1983). Os exemplos abaixo, da amostra PortVix, ilustram essas três estratégias:

Relativa *pied-piping*: orações relativas nas quais há i) movimento de preposição antecedendo o pronome relativo; ou ii) uso de pronomes relativos plenos como *qual*, *cujo* e *onde* (TARALLO, 1983, p. 88).

(1) acho que vai incentivando quem tá vendo as coisas funcionando e realmente acho que nós vamos chegar *num ponto em que a sociedade vai ‘tar envolvida* e ajudando... voluntariamente né? (PortVix: homem, 26 a 49 anos, ensino superior)

---

<sup>3</sup> Funções regidas por preposição, como objeto indireto, adjuntos adverbiais e demais complementos oblíquos.

Relativa copiadora: variante vernacular que contém um elemento correferente ao antecedente relativizado, como *ele, ela, lá, isso*, um sintagma nominal etc. Salvo raras exceções (BECHARA, 2009), essa estratégia de relativização não é mencionada pela tradição gramatical.

(2) *essa médica<sub>i</sub> que eu estou com ela<sub>i</sub>* ela disse que deve ser... deve ela falou assim né “deve ser o remédio porque a senhora não tem nada” (PortVix: mulher, 50 anos ou mais, ensino fundamental)

Relativa cortadora: são assim denominadas as estratégias de relativização vernaculares que não apresentam nem a preposição regida pelo verbo nem a cópia.

(3) tirar do sério? ó pra tirar do sério tem que pisar no meu calo ou tem que me contrariar mu:::ito ou tem que fazer *uma coisa<sub>i</sub> que eu não goste [ ]<sub>i</sub> mesmo* entendeu ou me xinGAR::: ou me provoCAR fora isso eu não esquento. (PortVix: homem, 15 a 25 anos, ensino superior)

Destacamos, entre alguns trabalhos que versaram sobre estratégias de relativização, a dissertação de Mollica (1977), a tese de Tarallo (1983), a tese de Corrêa (1998) e Santos (2020). Embora tenham trabalhado com *corpora* distintos, os resultados dessas quatro pesquisas apontam para uma mesma direção de mudança linguística: a tendência de se apagar a preposição em relativas de funções regidas por preposição. Ainda que a tradição gramatical recomende o uso de relativas como no exemplo (4), as pesquisas mostram que os/as falantes têm preferido a variante expressa no exemplo (5), sem a preposição:

(4) você tá com *uma pessoa de quem você gosta*

(5) você tá com *uma pessoa que você gosta* (PortVix: mulher, 15 a 25 anos, ensino fundamental).

Em sua pesquisa sobre as estratégias de relativização, Tarallo (1983, p. 130) afirma que as relativas copiadoras são formas estigmatizadas socialmente – conclusão inferida a partir dos resultados de produção, visto que as relativas copiadoras foram variantes mais produtivas entre falantes de classes sociais mais baixas em comparação aos falantes das classes sociais mais altas. Outros trabalhos reafirmam essa hipótese, como os de Corrêa (1998) e Mollica (2003), embora ainda não haja qualquer estudo que tenha identificado tal estigma de forma direta.

Considerando a necessidade de apresentar um olhar direto sobre a percepção e a avaliação das relativas, o presente trabalho busca preencher essa lacuna.

### Percepção e avaliação

O estudo da variação linguística compreende não só a produção, mas também a percepção e a avaliação de fenômenos variáveis. Estabelecemos a distinção conceitual entre esses dois últimos termos, tal como Oushiro (2015a) pontua: a percepção se refere a inferências, conscientes ou não, que os falantes de uma língua fazem ao ouvirem outros falantes. A depender do grau de consciência, essas inferências podem ser objeto de comentários metalinguísticos. A avaliação, por outro lado, diz respeito ao discurso metalinguístico manifestado pelos falantes sobre determinadas variantes (OUSHIRO, 2015a, p. 32).

Diferentes estudos têm apresentado resultados convergentes em relação à produção das relativas de sintagma preposicional na fala (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998; SILVA E LOPES, 2007; VALE, 2014; SANTOS, 2020). Observa-se emprego predominante de relativas cortadoras, sendo a estratégia preposicionada (e também a variante com *cujo*) praticamente inexistente na fala, encontrada hoje em textos escritos – e, ainda assim, de forma escassa. A relativa copiadora, por sua vez, embora seja pouco frequente, tem se apresentado como uma variante com funcionalidade relativamente bem definida: parece ser um recurso de referência de antecedentes sintaticamente distantes, que contêm traço semântico [+ humano] e [- específico] (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; SANTOS, 2020), conforme ilustramos com o exemplo (6):

(6) [*uma pessoa*]<sub>i</sub> companhia assim [que você pode chamar [*ela*]<sub>i</sub>] pra ir em todos lugares entendeu? (PortVix: menina, 7-14 anos, ensino fundamental)

O antecedente *uma pessoa* apresenta o traço semântico [+ humano], com o vocábulo *pessoa* e, também, [- específico], pelo emprego de artigo indefinido. A distância entre o antecedente e a cópia, na posição canônica (complementando o verbo chamar) dentro da oração relativa, constitui um contexto de [+ distância]. Além disso, a cópia pronominal tende a ser empregada em funções sintáticas mais encaixadas, como a função de genitivo (KEENAN; COMRIE, 1977; MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; SANTOS, 2020), exemplificada em (7):

(7) que nem a vez que eu vi aquele filme da:: da [*menina*]<sub>i</sub> lá [que o diabo entra no corpo [*dela*]<sub>i</sub>] (PortVix: mulher, 15-25 anos, ensino fundamental)

Com base em resultados de produção das pesquisas mencionadas, levantamos algumas hipóteses para serem verificadas a partir de testes de percepção. Por ser muito frequente e não ser objeto de repreensão em aulas de língua portuguesa no ensino básico, é possível que a variante cortadora (como em *uma pessoa que você gosta* em vez de *uma pessoa de que você gosta*) não seja percebida como *errada*, uma vez que é uma variante que está abaixo do nível da consciência, não sendo, portanto, objeto de comentários pelos falantes nem mesmo usada em programas humorísticos para caracterizar, de modo estereotipado, os personagens. Contrapostos a essa variante, há fenômenos mais salientes, como a concordância nominal variável (como em *dois real*), associada a pessoas menos instruídas (OUSHIRO, 2015a, 2015b). Ao testarmos a percepção das estratégias de relativização, esperamos respostas mais neutras em relação à avaliação da relativa cortadora.

Quanto à variante copiadora (por exemplo, *essa médica<sub>i</sub> que eu estou com ela<sub>i</sub>*) identificamos duas interpretações divergentes em relação à produção. A primeira, compartilhada por Tarallo (1983) e Corrêa (1998), pontua que a relativa copiadora é socialmente estigmatizada. Mollica (2003), por sua vez, considera que essa variante seja empregada como um recurso funcional, sendo, por isso, menos estigmatizada nos casos de maior distância entre o antecedente e a cópia (MOLLICA, 2003, p. 133). Considerando essa última afirmação, tomamos como hipótese que, por ser um recurso funcional, é possível que a relativa copiadora não tenha saliência suficiente para ser percebida e, portanto, não seja avaliada negativamente nem positivamente, isto é, deveria receber avaliações mais neutras.

Quanto à variante com *cujo*, é possível que seja avaliada como uma forma associada a pedantismo, pois é uma estratégia aprendida via escolarização, encontrada principalmente na escrita (CORRÊA, 1998; SILVA; LOPES, 2007) e não na fala vernacular.

### **Abordagens e métodos**

Baseando-nos nas hipóteses levantadas, elaboramos um questionário com cinco frases, das quais três contêm orações relativas e duas, fenômenos não relacionados à relativização. Essas duas últimas foram utilizadas como distratoras, com o objetivo de distrair os participantes para que não percebessem o fenômeno objeto de estudo. Para a aplicação do questionário, utilizamos o pacote de aplicativos do *Google Docs*, especificamente o *Google Forms*, destinado ao gerenciamento de formulários e questionários. Apresentamos, abaixo, as cinco frases que constituíram o questionário. Na primeira delas, há ausência de concordância nominal e verbal. Na segunda, há uma relativa cortadora; na terceira, uma relativa copiadora; na quarta, inserimos

as formas reduzidas do verbo *estar* (tô) e da conjunção subordinativa *para* (pra). Por fim, na quinta frase, temos uma relativa com o pronome relativo *cujo*. As formas que interessam ao estudo de percepção estão destacadas abaixo.

(8) *Meus filho* são muito *inteligente*, mas tem um deles que é preguiçoso. *Nós torce* para ele encontrar um emprego logo.

(9) Conheço muitas pessoas carentes de atenção. Minha vizinha é *uma senhora que eu converso* todo dia.

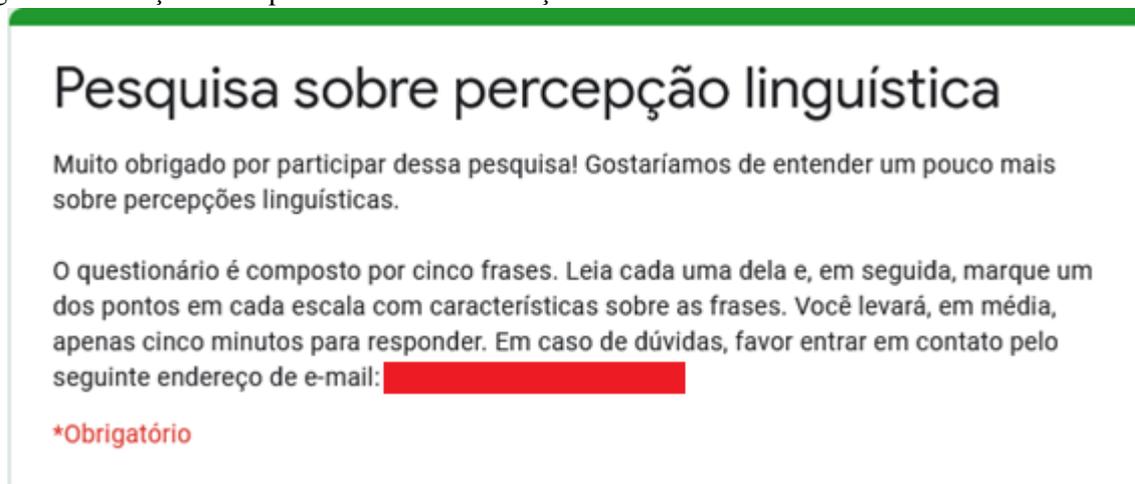
(10) A festa de aniversário foi muito boa! Sua prima me vendeu *um bolo que o recheio dele estava muito bom!* Todo mundo elogiou!

(11) Seu cachorro já teve os filhotinhos? *Tô* mandando essa mensagem só *pra* você não esquecer que vou adotar um.

(12) Conheço *um rapaz cuja família voltou para a Alemanha*. Ele estuda na minha sala e é professor de alemão.

O questionário foi divulgado virtualmente da seguinte forma: pediu-se que um contato divulgasse o questionário a outros contatos – parentes, colegas de trabalho, grupos de redes sociais virtuais e aplicativos de mensagem, como o whatsapp. Ao acessar o questionário, era apresentado o cabeçalho contendo as instruções, conforme figura 1:

Figura 1 - Cabeçalho do questionário com instruções



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Após a leitura de cada frase, era solicitado aos participantes que atribuissem uma avaliação das sentenças a partir de qualificações opostas, estabelecidas em pares, havendo um

ponto intermediário entre esses pares opostos. No total, foram cinco questões por frase: a primeira, ilustrada abaixo, relacionava-se a características estéticas da frase.

Figura 2 - Primeiro quesito avaliativo

Você considera essa fala FEIA ou BONITA? \*

1                      2                      3

FEIA                      ○                      ○                      ○                      BONITA

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

A segunda questão se relaciona à inteligibilidade da frase: se era confusa ou clara. A terceira, ao grau de formalidade da frase – sendo, portanto, uma questão sobre características estilísticas. A quarta e a quinta questões estavam relacionadas, respectivamente, a impressões que os participantes poderiam ter sobre as pessoas que produziram as frases: se eram muito ou pouco escolarizadas e se eram simpáticas ou antipáticas.

Ao final do questionário, foram solicitadas informações relacionadas ao perfil social de cada participante, como sexo, idade, nível de escolaridade, ocupação e local de nascimento. Além disso, foi disponibilizado espaço para que os participantes deixassem comentários acerca do questionário. Por fim, apresentamos o termo de consentimento livre e esclarecido, com o qual os participantes deveriam concordar para que suas respostas fossem computadas.

### **Apresentação do perfil dos participantes**

O questionário foi respondido por 137 pessoas, das quais 80 são mulheres e 57, homens. Quanto à escolaridade, a maioria dos participantes (67,6%) tem ensino superior completo, seguido por 20,9% de pessoas com ensino superior incompleto e 8,6% com ensino médio completo. Apenas quatro participantes estão distribuídos entre as pessoas menos escolarizadas: duas têm ensino fundamental incompleto, uma, ensino fundamental completo e a outra, ensino médio incompleto.

Em relação à idade, estratificamos os participantes em três faixas etárias: de 18 a 30 anos; de 31 a 45 anos e de 46 anos ou mais. As duas primeiras faixas etárias apresentaram distribuição semelhante: 37% dos participantes tinham entre 18 e 30 anos, e 35%, entre 31 e 45. A menor parte (28%) dos participantes pertencia à faixa etária de 46 anos ou mais.

Em suma, a maior parte dos respondentes cursava ou já concluiu o ensino superior e tinha entre 18 e 45 anos de idade.

### Avaliações dos enunciados com orações relativas

Na presente seção, apresentamos as avaliações atribuídas aos enunciados com diferentes estratégias de relativização. A figura 3 mostra a distribuição das avaliações em relação às frases que continham a relativa cortadora:

Figura 3 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com variante cortadora (continua)

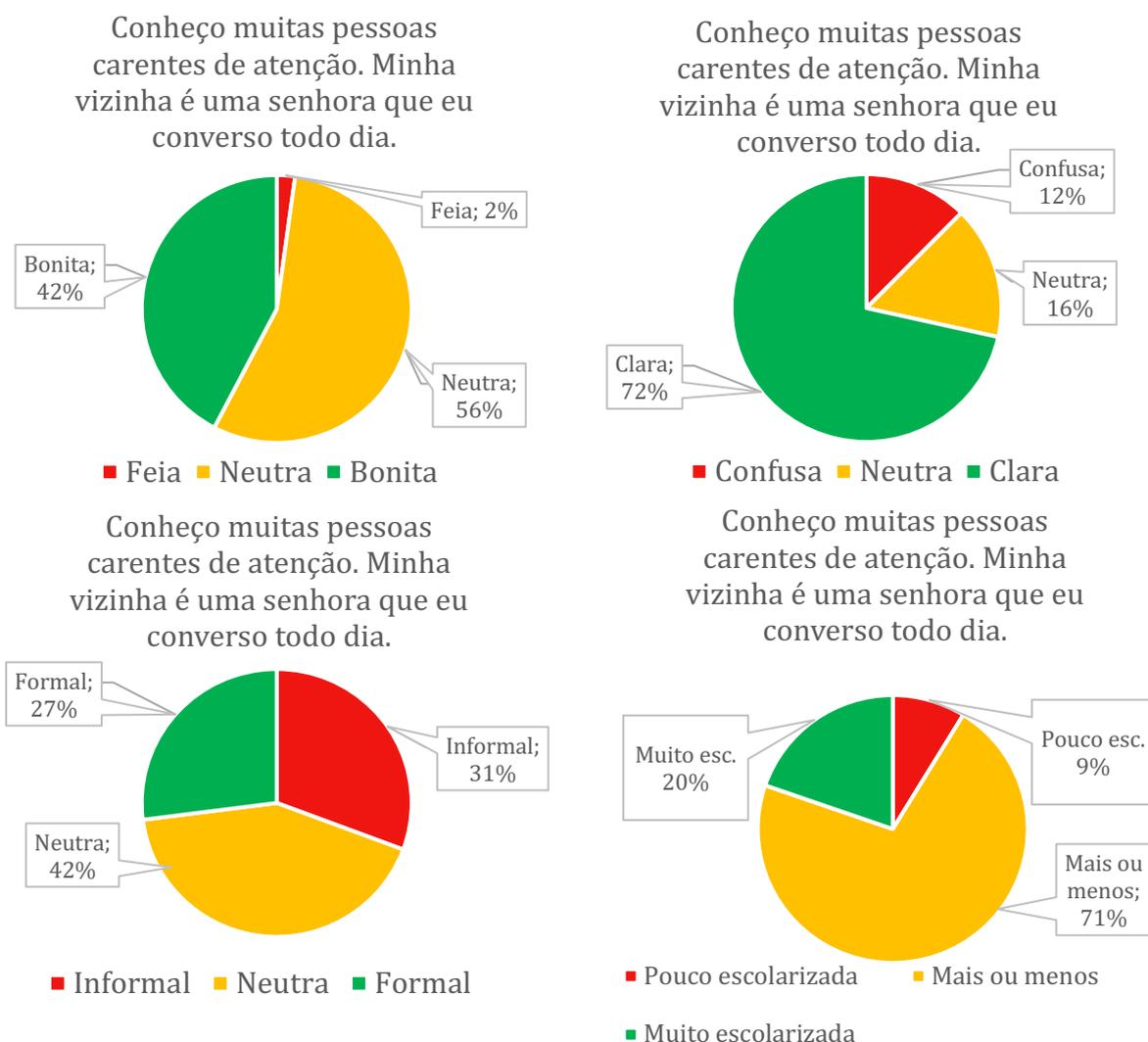
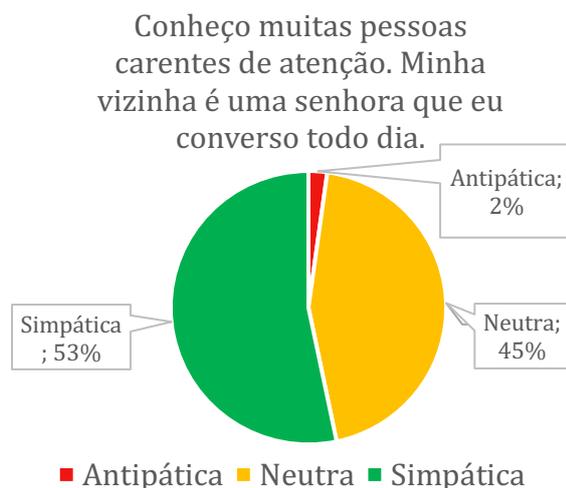


Figura 3 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com variante cortadora (continuação)



Fonte: elaborada pelos autores (2022).

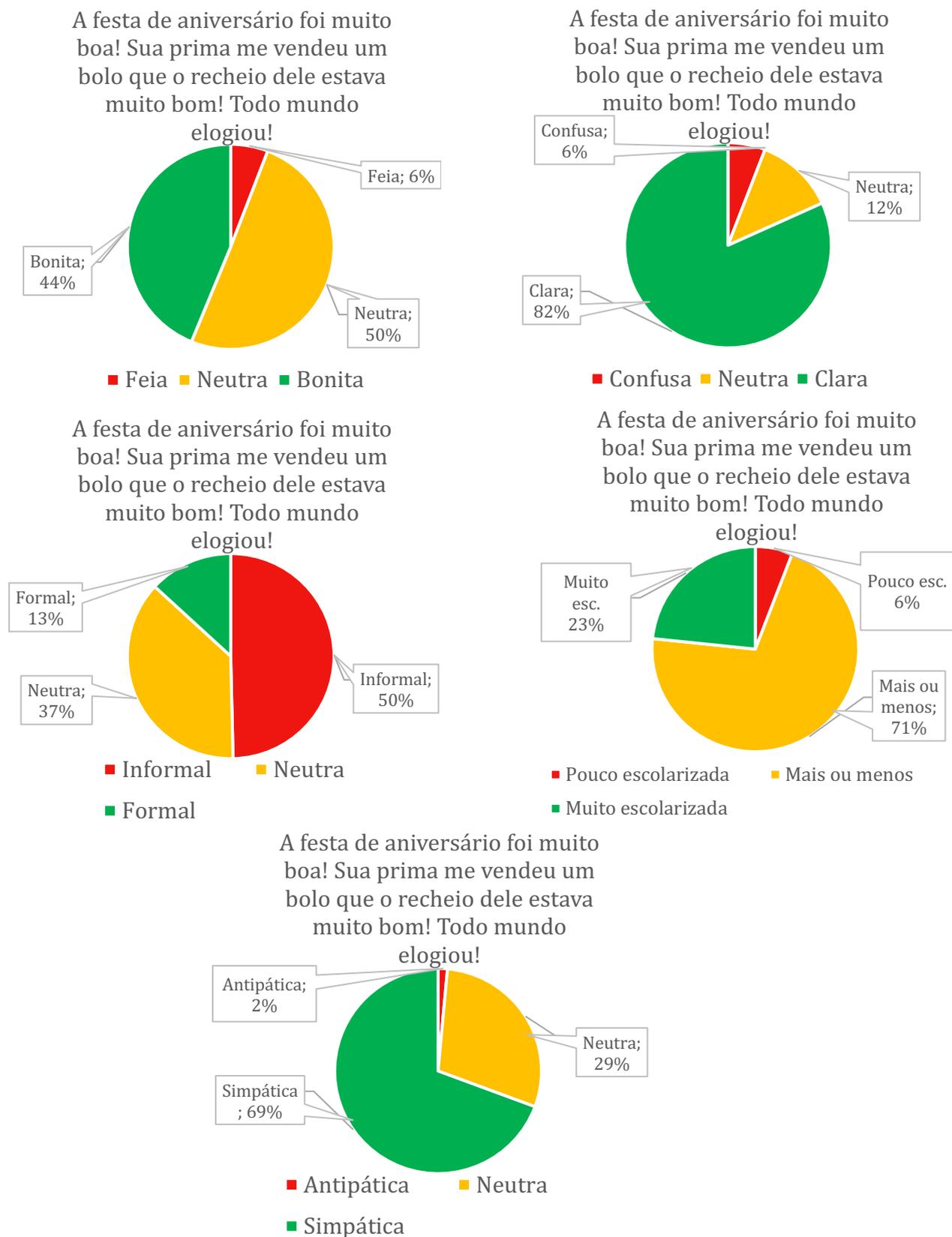
Em relação à característica estética (feia/bonita), a frase que continha a variante cortadora foi avaliada de forma neutra pela maioria dos participantes (56%), recebendo 42% de avaliações positivas. Apenas 2% consideraram o enunciado feio. A avaliação segundo o critério estilístico (grau de formalidade) apresentou tendência a ser considerada neutra ou informal, no entanto, 27% dos participantes consideraram o enunciado formal.

A maior parte das avaliações também indicou que a frase está associada a um nível intermediário de escolaridade (71%) ou de maior grau de escolarização. Apesar de o critério de inteligibilidade (clara vs. confusa) e a questão afetiva (simpática vs. antipática) terem recebido avaliações mais positivas, a frase com a relativa cortadora foi avaliada, em geral, de forma mais neutra.

Esse resultado confirma nossa hipótese de que a variante cortadora não é considerada *errada*: as avaliações neutras indicam que essa relativa já é reconhecida como uma estratégia de relativização comum, natural e plenamente aceitável no português brasileiro.

A figura 4, abaixo, apresenta os resultados para o enunciado com a relativa copiadora.

Figura 4 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com variante copiadora



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Quanto à característica *feia*, a frase que continha a variante copiadora apresentou uma diferença de 4 pontos percentuais a mais do que a frase com a relativa cortadora, no entanto, prevaleceram as avaliações *neutra* (50%) e *bonita* (44%). A copiadora foi considerada mais clara (82%) do que a frase que continha a variante cortadora (72%). Em relação à formalidade, 50% dos participantes consideraram a frase com relativa copiadora como sendo informal e 37%, neutra. As avaliações acerca do nível de escolaridade foram predominantemente neutras e com maior grau de escolarização (23%). Por fim, o critério afetivo (simpática ou antipática) foi avaliado de forma positiva por 69%, isto é, 16 pontos percentuais a mais do que a avaliação desse mesmo critério para a frase com relativa cortadora.

Os resultados, mais uma vez, levam à confirmação de nossa hipótese, ao menos parcialmente: as avaliações não indicam haver estigma nem prestígio quanto à estratégia copiadora, mas parece haver associação dessa variante a informalidade.

Na figura 5, abaixo, apresentamos os resultados das avaliações para a relativa com o pronome *cujo*.

Figura 5 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com a variante copiadora (continua)

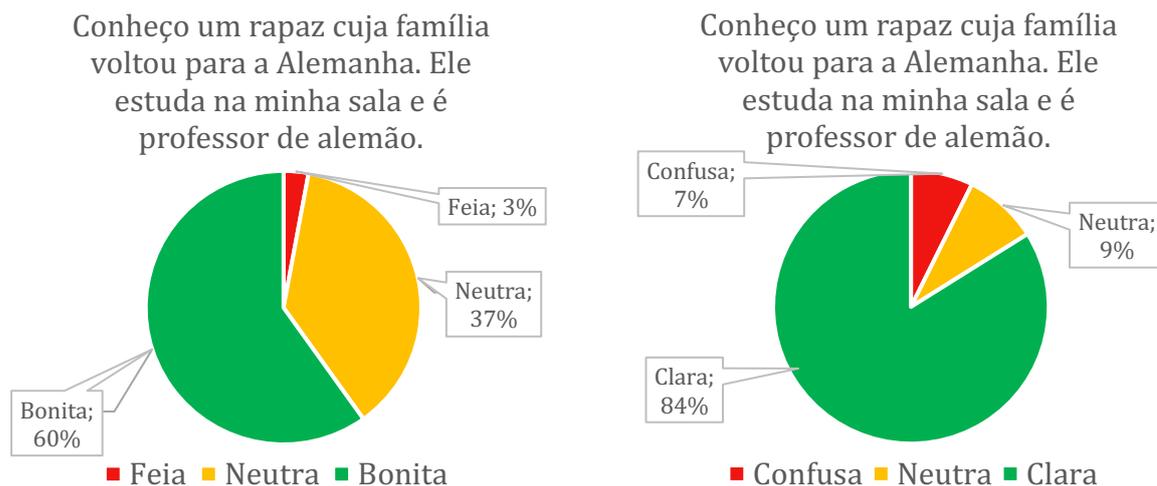
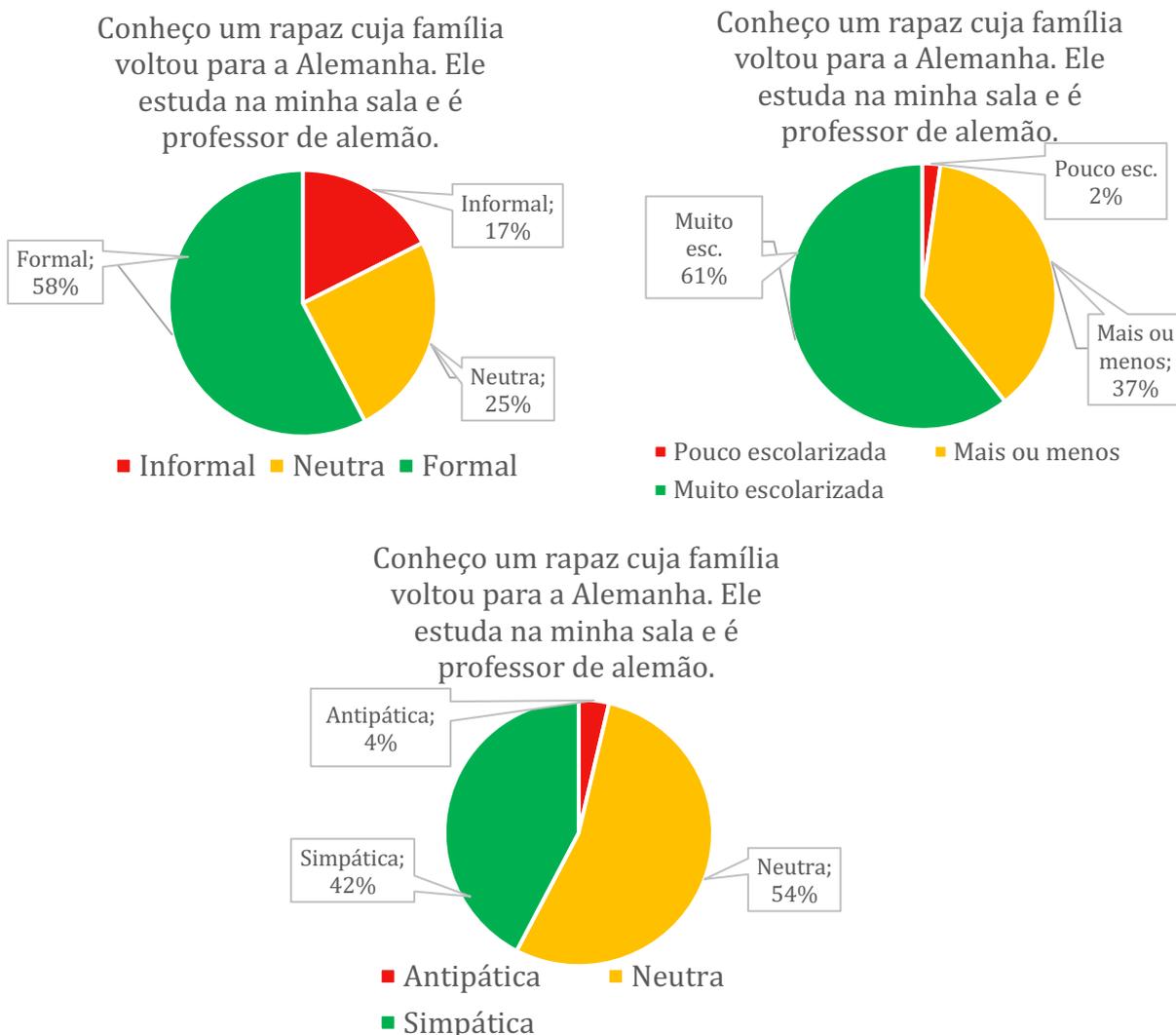


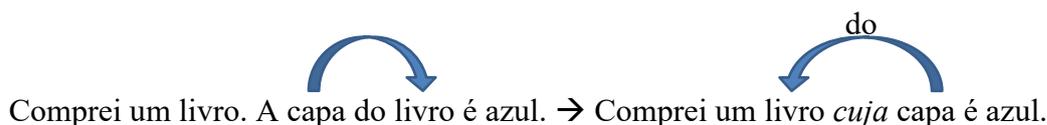
Figura 5 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com a variante copiadora (continuação)



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

A frase que apresentava a variante com *cujo* foi considerada bonita por 60% dos participantes e neutra por 37%. A maioria (84%) também a avaliou positivamente quanto à clareza. No que diz respeito à formalidade, a variante foi avaliada como formal por 58% dos participantes, e apenas 17% dos participantes a considerou informal. Quanto à escolaridade, 61% associaram a frase a pessoas muito escolarizadas – apenas 2% a consideraram uma frase típica de pessoas pouco escolarizadas. É possível que as avaliações relacionadas à escolaridade e à formalidade da relativa com *cujo* se devam ao fato de ser uma variante que exige uma organização sintática mais complexa que as demais estratégias de relativização. O pronome relativo *cujo* sintetiza uma relação de posse entre um antecedente (*possuidor*) e um elemento ulterior (*coisa possuída* pelo antecedente), ilustrada abaixo:

Figura 6 - Relação sintática estabelecida pelo pronome relativo *cujo*



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

A relação sintática entre os termos se estabelece no sentido de o núcleo ter especificação à direita (a capa *do livro*). Entretanto, ao se empregar o pronome relativo *cujo*, a relação é invertida, conforme se verifica nas setas da figura 6. Por ser essa estrutura sintática mais complexa, é surpreendente o resultado de que a relativa com *cujo* tenha sido avaliada como *clara* por 84% dos respondentes.

Além disso, essa estratégia é encontrada predominantemente em textos escritos (CORRÊA, 1998), que, muitas vezes, são considerados representativos de situações mais formais. Ressalta-se que não há associação direta entre textos escritos e formalidade, pois há textos orais também formais.

Esses resultados mostram que as estratégias de relativização apresentam diferentes graus de percepção. As variantes vernaculares (cortadora e copiadora) receberam avaliações mais neutras, com diferença predominante em relação ao grau de formalidade a elas atribuído: a cortadora foi avaliada de forma neutra, ao passo que a copiadora foi considerada informal por 50% dos participantes. A frase que apresentava uma relativa com *cujo*, apesar de não fazer parte do vernáculo do português brasileiro, conforme Mollica (1977), Tarallo (1983) e Santos (2020), foi avaliada como bonita, clara, formal e produzida por pessoas muito escolarizadas. Conforme apontado anteriormente, os testes de percepção ratificam a afirmação de que essa variante seria rebuscada, já que é utilizada por pessoas muito escolarizadas e em contextos de maior formalidade, além de ser considerada bonita.

### **Avaliações das frases distratoras**

Para o questionário, foram elaborados cinco trechos escritos que apresentavam diferentes fenômenos linguísticos variáveis. Desses enunciados, dois eram distratores e tiveram o objetivo de desviar a atenção dos/das participantes para as orações relativas. Dessa forma, a percepção de fenômenos que apresentam diferentes graus de saliência poderia ser observada ao compararmos suas avaliações. Retomamos as frases distratoras em (8) e (11), abaixo:

(8) *Meus filho são muito inteligente, mas tem um deles que é preguiçoso. Nós torce pra ele encontrar um emprego logo.*

(11) *Seu cachorro já teve os filhotinhos? Tô mandando essa mensagem só pra você não esquecer que vou adotar um.*

As frases em (8) contêm casos de concordância nominal e verbal zero, destacados em negrito. Em (11), há a redução do verbo *estar* e da conjunção subordinativa *para*. Os participantes deviam avaliá-las segundo os mesmos critérios estabelecidos para as frases com as variantes de orações relativas. Apresentamos, primeiramente, os resultados das avaliações atribuídas às frases sem a marcação de concordância nominal nem verbal:

Figura 7 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com concordância nominal e verbal zero (continua)

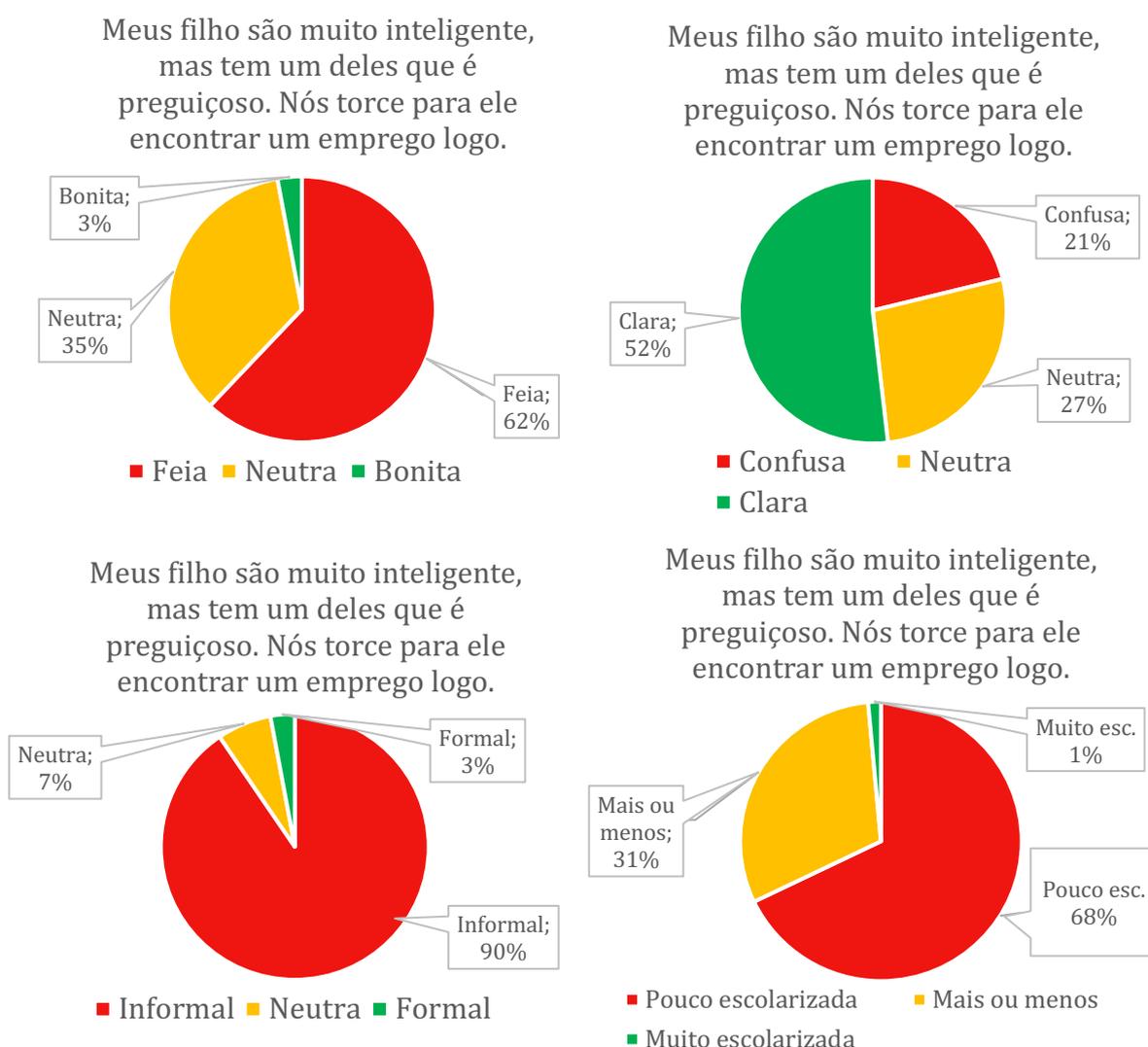
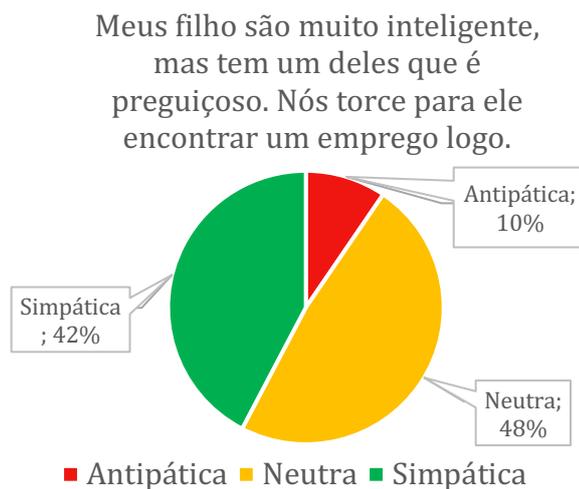


Figura 7 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com concordância nominal e verbal zero (continuação)



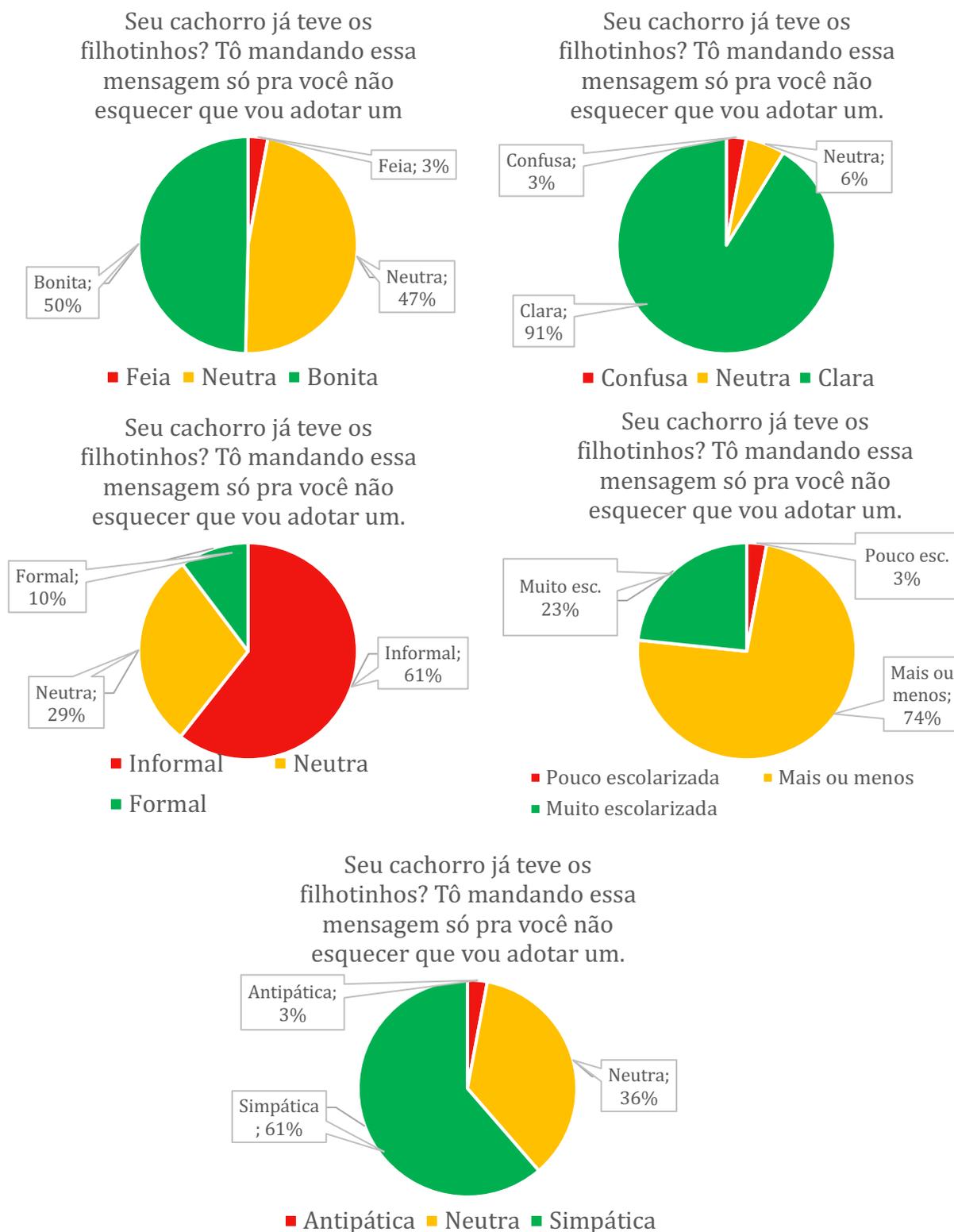
Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Comparando-se esses resultados aos demais, fica evidente o estigma que pesa sobre o fenômeno da não marcação de concordância nominal e verbal. A maioria dos participantes avaliou a frase como feia (62%) e associada a pessoas pouco escolarizadas (68%). Embora tenha sido considerada clara por 52% dos participantes, chama atenção o fato de que 21% a consideraram confusa – maior índice de avaliações sobre essa característica entre todas as frases avaliadas. Nem mesmo a relativa com *cujos*, que exibe um padrão sintático cognitivamente mais complexo que as outras frases (cf. Figura 6), foi avaliada tão frequentemente como confusa. A frase que não apresenta marcação de concordância de número, apesar de ter ordem canônica SVO, foi a que recebeu avaliação mais negativa quanto à sua clareza, apresentando 21% de julgamentos como *confusa*.

As avaliações referentes à formalidade indicam que essa frase foi considerada informal por 90% dos participantes – mais uma vez, o maior índice entre todas as frases avaliadas. Por fim, as avaliações quanto ao critério afetivo foram predominantemente neutras (48%) e simpáticas (42%). Por outro lado, obteve também o maior índice de avaliações negativas, tendo sido associada a pessoas antipáticas por 10% dos participantes. Entendemos, portanto, que os critérios avaliados nos testes estão relacionados a percepções e julgamentos sociais sobre esse fenômeno, frequentemente associado a pessoas com baixa escolarização (OUSHIRO, 2015).

Agora, apresentamos os resultados das avaliações para a frase distratora com redução do verbo *estar* e da preposição *para*:

Figura 8 - Distribuição quantitativa de cinco avaliações sobre o enunciado com forma reduzida de *estar* e *para*



Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

De forma geral, as avaliações à frase com redução do verbo *estar* e da conjunção *para* foram neutras ou positivas. Quanto ao critério estético, foi considerada bonita (50%) ou neutra (47%). A maioria dos participantes considerou a frase clara (91%), informal (61%) e associada a pessoas mais ou menos escolarizadas (74%). As avaliações relacionadas ao critério afetivo se assemelham aos resultados das demais frases: predominantemente positivas (61%) ou neutras (36%). Destacamos, também, a percepção e a avaliação da frase distratora com redução de *estar* e *para*, que apresentou uma avaliação neutra, isto é, não apresentou avaliação negativa em nenhum dos quesitos. Foi, entretanto, a segunda mais avaliada como sendo informal, ficando atrás apenas da sentença que apresentava sintagmas sem marcação de concordância nominal nem verbal. Podemos dizer que os participantes associam a informalidade à ausência de marcas da variedade padrão, como são os casos das sentenças sem marcação de concordância e a que apresentou formas reduzidas de *estar* e de *para*.

### **Algumas considerações**

Os resultados encontrados no presente estudo nos permitem tecer algumas considerações sobre a percepção das orações relativas.

Em primeiro lugar, observamos que, entre as relativas, a cortadora não pareceu ter saliência linguística suficiente para ser percebida e, conseqüentemente, recebeu avaliações mais neutras em relação à característica estética (56%), à formalidade (42%) e à simpatia (45%). Quanto à escolaridade, o índice de 71% revela-se o valor mais neutro, sendo similar aos encontrados para a variante copiadora. Esses resultados indicam que a avaliação neutra pode se dever ao fato de essa variante já ter sido incorporada ao vernáculo brasileiro e, portanto, seu uso estar abaixo do nível de consciência dos falantes.

Quanto à relativa copiadora, esperávamos que fosse avaliada de forma neutra, visto que, segundo Mollica (2003), é empregada como um recurso funcional para reativar o item referenciado. Os resultados mostram que relativa copiadora não foi avaliada de forma negativa: apenas 6% dos avaliadores consideraram o enunciado com a relativa copiadora feio ou confuso. Em relação à formalidade, 50% a consideraram informal e 71% acham que foi produzida por pessoas mais ou menos escolarizadas (isto é, uma avaliação neutra). A copiadora não foi considerada nem feia nem bonita pela maioria (56%), mas foi associada à informalidade (50%). Esse resultado surpreende, já que a relativa copiadora é mais frequentemente empregada com antecedentes [+ humanos], no entanto, a frase do questionário apresentou uma copiadora com um antecedente [- humano]. Em suma, os resultados apontam para a não estigmatização da relativa copiadora, o que poderia indicar que é uma estratégia utilizada por questões funcionais,

isto é, à retomada anafórica de um antecedente sintaticamente distante (TARALLO, 1983; MOLLICA, 2003).

A relativa com o pronome *cujo*, por sua vez, foi avaliada de forma mais positiva que as demais variantes: foi considerada bonita (60%), clara (84%), mais formal (58%) e relacionada a pessoas mais escolarizadas (61%), o que confirma nossa hipótese de que essa variante seria avaliada como a variante menos vernacular. Também é a que apresenta um baixo índice quanto ao quesito de simpatia, pois apenas 42% consideram que as pessoas que produzem o enunciado sejam simpáticas. Esse resultado é esperado, visto que o *cujo* é um pronome relativo pouco empregado mesmo na escrita, conforme resultados de Corrêa (1998) e Silva e Lopes (2007), relacionado a contextos de maior formalidade (e tudo o que está relacionado a esses contextos).

Cumprido destacar que, conforme nossa hipótese, as estratégias cortadora e copiadora são mais vernaculares, estando abaixo do nível da consciência, fato corroborado por percepções mais neutras dos participantes. Nos extremos, há, de um lado, a relativa com o pronome *cujo*, que é considerada a mais formal (58%), a mais bonita (60%) e representativa de falantes com maior escolaridade (61%). No outro extremo, temos as frases sem concordância nominal e verbal, que são percebidas como mais informais (90%), as mais feias (62%) e representativas de falantes com menor escolarização (68%). Os dois extremos, no entanto, aproximam-se na avaliação quanto à simpatia de quem produziu as frases: para ambas as frases, o índice de pessoas consideradas simpáticas é de apenas 42%, o mais baixo encontrado.

Em síntese, os resultados do teste sugerem que as três estratégias de relativização são percebidas (e, portanto, avaliadas) de forma distinta: parece haver maior grau de percepção da relativa com *cujo*, visto que recebeu avaliações mais definidas, isto é, menos neutras. Quanto às relativas cortadora e copiadora, os participantes as avaliaram de forma mais neutra, indicando que não há fortes associações entre essas variantes e os critérios aqui aferidos – embora tenha havido associação relativamente consistente com relação à informalidade. Por ser um estudo piloto, esperamos que a criticidade das leitoras e leitores frente a nossas análises possibilite avançarmos nas questões que envolvem percepção e avaliação do fenômeno aqui investigado.

## Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISOL, L. VARSUL: amostra, coleta e transcrição. In: ZILLES, A. M. S. **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CORRÊA, V. R. **Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 889-917, dez. 2016. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502016000400889&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000400889&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14 jun. 2021.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. (Orgs.). **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB**. João Pessoa: Idéia, v. 5, 2001.

KEENAN, E.; COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 8, n. 1, 1977. p. 63-99.

MOLLICA, M. C. de M. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

MOLLICA, M. C. de M. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança lingüística em tempo real**, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 129-138.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015a. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015a. doi:10.11606/T.8.2015.tde-15062015-104952. Acesso em 21 jul. 2021.

OUSHIRO, L. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalingüístico e a variação linguística. **Signo y seña**, n. 28, p. 139-167, 2015b.

PAIVA, M. C. de; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. **DELTA**, v. 15, p. 201-232, 1999.

SANTOS, A. P. **As Construções Relativas na Fala de Vitória/ES**: uma perspectiva sociolingüística. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2020.

SILVA, B. G.; LOPES, C. R. O papel da frequência na gramaticalização do que: análise das estratégias de relativização no português do Brasil. **Veredas on line**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 80-100, 2007. Disponível em [www.ufjf.br/revistaveredas/](http://www.ufjf.br/revistaveredas/). Acesso em 12 jun. 2021.

TARALLO, F. L. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado em Linguística). Philadelphia, University of Pennsylvania, mimeo. 1983.

VALE, M. J. Q. **Estratégias de Relativização na Fala de Adultos Maranhenses**. 2014. 102 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y. (orgs.) **Directions for Historical Linguistics: A Symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; BRAGANÇA, M. L.; EVANGELISTA, E. M.; MENDONÇA, A. K. de; CALMON, E.; CAMPOS JÚNIOR, H. S.; BARBOSA, A. F.; BASÍLIO, J. O. S.; DEOCLÉCIO, C. E.; SILVA, J. B.; BERBERT, A. T. F.; BENFICA, S. A. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/449>. Acesso em 25 jun. 2021.

### Sobre os autores

*André Poltronieri Santos* (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4905-1242>)

Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES). Tem graduação em Letras pelo Centro Universitário de Itajubá - FEPI (2016) e mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (2020). Membro do Projeto Português Falado em Vitória (PortVix). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6125651735094828>

*Lilian Coutinho Yacovenco* (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3568-0539>)

Tem graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) (1993) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) (2000), é Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Projeto Português Falado em Vitória (PortVix), atua na área de Sociolinguística. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4214287374430490>

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.